

GUILHERMINO MONTEIRO

NO II CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE FRIEDRICH ENGELS
OUTUBRO 2020



ENGELS NO CONSELHO GERAL DA INTERNACIONAL

1870- 1871

A acção do Conselho Geral da A.I.T.
durante a guerra franco-alemã
e a Comuna de Paris

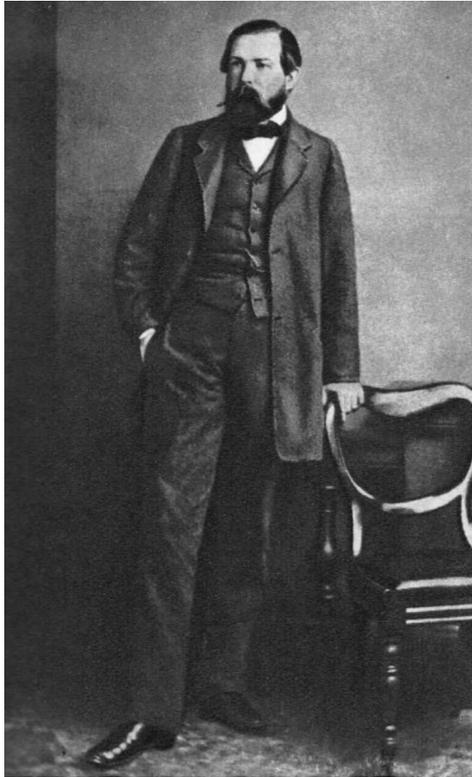
Com a transcrição de duas cartas do jovem Engels
onde confessa o deleite de ler *Os Lusíadas*
e onde considera que os Portugueses
são nação muito respeitável



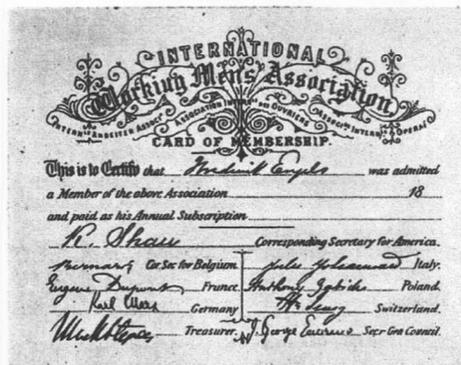
Edição da UPP – UNIVERSIDADE POPULAR DO PORTO

Guilhermino Monteiro

Licenciado em História. Foi professor dos Ensinos Básico e Secundário. Estudioso de temas marxistas, colabora na Revista *Diagonal*, do Sector Intelectual do Porto, do P.C.P.



Engels nos anos 60



Cartão de Engels de membro da 1ª Internacional
Karl Marx é um dos assinantes

ENGELS NO CONSELHO GERAL DA INTERNACIONAL

1870-1871

Na sessão do Conselho Geral da Internacional¹, de 19 de Julho de 1870, isto é, poucos dias após a declaração oficial de guerra à Alemanha por parte da França, Marx leu uma carta que lhe tinha sido enviada por Paul Lafargue, dando conta da «*ausência de sentimentos belicistas nas províncias francesas e do entusiasmo factício fomentado em Paris*». Já a secção francesa se havia pronunciado contra a guerra. Nessa mesma sessão, o operário tecelão John Hales, membro do Conselho Geral, propõe que Marx redija um comunicado contra a guerra, ao que Marx responde que antes de fazer o que quer que seja, os membros do Conselho Geral devem emitir a sua opinião. Diz ainda que o comunicado deverá ter um carácter internacionalista, ou seja, não repetir o comunicado da secção francesa que exprimia o ponto de vista dos franceses. Após vários membros do Conselho se terem pronunciado, Marx intervém declarando que não se pode aqui tratar da guerra em geral, mas apenas deste caso em particular. Hales insiste na proposta, o que é aprovado. Desde esse mesmo dia 19 e no espaço de quatro dias, Marx redige o *Primeiro Comunicado do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores sobre a Guerra Franco-Alemã*. É dirigido *Aos membros da Associação na Europa e nos Estados Unidos*. Na sessão de 2 de Agosto, Marx informa que após a publicação do Comunicado, surgiram vários protestos contra a guerra, «*segundo o nosso espírito*», em Barmen, Munique, Breslau e outras cidades. Em 27 de Setembro, uma delegação operária que contava com o marce-

¹ Le Conseil Général de la Première Internationale, 1870-1871. *Procès-Verbaux*. Éditions du Progrès, Moscou, 1975. A.A.I.T. tinha sede em Londres.

neiro Robert Applegarth, membro do Conselho Geral, reúne-se com o Primeiro-Ministro Gladstone para exigir o reconhecimento pelo governo britânico, da República Francesa, proclamada no dia 4 desse mês. Uns meses antes, em Abril, com o regime imperial ainda em vigor, a federação parisiense da Internacional tinha denunciado a manobra de Luís Napoleão² ao efectuar o plebiscito ao regime num clima de tensão preparatória da guerra: estava feito de tal maneira que era impossível ao votante não se declarar ao mesmo tempo adversário de qualquer reforma democrática. Na véspera do plebiscito os membros da federação foram detidos sob acusação de conspiração e atentado à vida do Imperador. O julgamento efectuado entre Junho e Julho provou a falsidade das acusações; mesmo assim, os acusados foram sujeitos a penas de prisão só por serem membros da Internacional. Refira-se a propósito que a historiografia “oficial” e “institucional” dos séculos XX e XXI é perita na ocultação da História da A.I.T. e da sua real influência nos principais acontecimentos políticos que se seguiram à sua criação em 1864. Só esta constatação daria estudo para muitas páginas.

A República fora proclamada em Paris na sequência da derrota da tropa francesa em Sedan e da captura de Luís Napoleão pelos prussianos. Nas sessões posteriores, Marx procura corrigir o posicionamento sobre a guerra, de alguns membros do Conselho, como foi o caso, por exemplo, na sessão de 6 de Setembro, quando o mecânico James Boon crê que é o povo alemão que «pede» as províncias francesas da Alsácia e Lorena. Marx intervém dizendo que quem pede as províncias é «*o partido da corte, a aristocracia e a burguesia*». Diz ainda que «*não há um único meeting operário que tenha pedido a anexação*». Noutros casos, reposicionar a justeza dos objectivos da Internacional revelava-se tarefa bem mais complexa devido à influência das tendências reformistas no seio da classe operária; particularmente grave foi a actuação dos proudhonianos em França que chegou a causar mossa no movimento operário. Neste caso em concreto, foi fundamental a acção revolucionária do operário sapateiro, membro do Conselho Geral, combatente pelas ideias marxistas, Auguste Serrailier que em Paris conseguiu combater o reformismo que estava a instalar-se na secção

² Luís Napoleão Bonaparte (Napoleão III – 1808-1873): Presidente da República Francesa de 1848 a 1852 e Imperador, de 1852 a 1870.

federal e reorganizar o Conselho Geral Federal afastando os proudhonianos de direita.

Ainda durante o mês de Setembro o Conselho Geral faz publicar o segundo comunicado da Associação, sobre a guerra, também da autoria de Karl Marx.

Por essa mesma altura, a confirmar a iniciativa política da A.I.T., a República é também proclamada em Lyon. É criado um comité de salvação pública; integram-no seis membros da Internacional. Uma delegação parte para Paris com a finalidade de conferenciar com o governo provisório.

Em Outubro deste ano de 1870, por proposta de Marx, Engels entra para o Conselho Geral da A.I.T.

*

Tal como Marx e muitos outros emigrados políticos, Engels exilará-se em Londres, depois da derrota das revoluções de 1848 e 1849. Nesses anos do meio do século, época em que se destacam as insurreições populares e operárias em várias cidades e regiões da Europa, Marx e Engels estiveram, como revolucionários, profundamente envolvidos na acção prática. Engels fora expulso de Paris em Janeiro de 1848, juntando-se a Marx na Bélgica, onde este, por sua vez seria preso e de onde seria depois também expulso. Entretanto explodiam revoluções em Paris, Berlim, Viena. Novamente em Paris, Engels presta grande atenção à actividade clandestina do Comité Central da Liga dos Comunistas de cuja direcção fazia parte. A frente legal era o Clube dos Operários Alemães que contava já com cerca de quatrocentos membros, sobretudo alfaiates e sapateiros. Engels e Marx estiveram sempre na frente de uma luta tenaz na condução dos objectivos justos, quer da Liga dos Comunistas, quer do Clube dos Operários, especialmente no que respeita ao aventureirismo propalado por outra organização, a Sociedade Democrática Alemã que pretendia criar um exército de emigrados e operários alemães para invadir a Alemanha absolutista. É ainda em Paris que Engels e Marx elaboram as *Reivindicações do Partido Comunista na Alemanha* – «era assim que o denominávamos» – escreve Engels mais tarde. No último parágrafo daquele documento dirigido ao proletariado de uma nação que vivia ainda em estado feudal-mi-

litar, lê-se: *«É do interesse do proletariado, da pequena burguesia e dos pequenos proprietários rurais alemães, lutar energeticamente pela concretização das medidas apontadas»*³. O proletariado alemão era ainda embrionário, e por isso Engels e Marx consideravam indispensável uma aliança com o movimento democrático existente, dirigindo a sua vanguarda realmente proletária, para assegurar o seu desenvolvimento. Mais tarde, Engels escreveria a este propósito: *«Foi o que determinou a nossa bandeira quando empreendemos a tarefa de fundar um grande jornal na Alemanha. Esta bandeira só poderia ser a da democracia, mas de uma democracia que revelasse por todo lado e na melhor oportunidade, o seu carácter especificamente proletário, o qual ela ainda não podia inscrever, para ficar para sempre, na sua bandeira. Se não o tivéssemos desejado, se nos tivéssemos recusado a aliarmo-nos ao movimento, à sua ala efectiva, a mais avançada realmente proletária, para a estimular, não teríamos outra solução que não fosse pregar o comunismo numa folha de couve e fundar uma pequena seita em lugar de um grande partido. Ora não nos convinha o papel de pregadores no deserto: não tinha sido para isso que tínhamos estudado tão bem os utópicos e redigido o nosso programa»*⁴. O documento das Reivindicações seria largamente difundido em Paris através de folhetos, e na Alemanha em vários jornais democráticos. Em Abril de 1848, Marx e Engels voltam à Alemanha para participarem directamente na revolução alemã. Fundaram então um novo jornal cujo primeiro número veria a luz do dia em 1 de Junho de 1848: a Nova Gazeta Renana, muito embora se apresentasse como órgão da democracia era na verdade um órgão ao serviço do proletariado. O Comité de Redacção era assim constituído:⁵

³ Marx/Engels: *Werke*, Bd, 5, S. 4-5, in Friedrich Engels, *Sa Vie, Son Oeuvre*. Éditions du Progrès, Moscou, 1976, p. 134.

⁴ Marx/Engels, *Oeuvres Choisies*. Éditions du Progrès. Moscou, 1976, Volume 3, p. 172.

⁵ *La Nouvelle Gazette Rhénane*. Éditions Sociales, I, Paris, 1963, p. 29

Karl MARX, chefe de redacção	
Heinrich BURGERS	
Ernst DRONKE	
Friedrich ENGELS	
Georg WEERTH	
Ferdinand WOLFF	
Wilhelm WOLFF	
	— redactores

Particularmente interessante é o artigo de Engels de denúncia da política estrangeira da Alemanha, no n.º 33 da *Nova Gazeta Renana*, pois descreve acontecimentos ocorridos em Portugal: ⁶

«Excitar os povos uns contra os outros, utilizar um para oprimir o outro, e velar assim para a manutenção do poder absoluto, tais foram a arte e a obra dos governantes precedentes e dos seus diplomatas. A Alemanha distinguiu-se a este respeito. Consideremos apenas os últimos 70 anos: a troca de ouro inglês, enviou os seus landsquenetas⁷ aos Britânicos, para combaterem a América do Norte, em luta pela sua independência; quando eclodiu a primeira revolução francesa foram ainda os Alemães que se deixaram enfurecer como uma matilha excitada contra os Franceses; através de um brutal manifesto do duque de Brunswick, ameaçaram arrasas Paris inteira sem deixar pedra sobre pedra; conspiraram com os nobres emigrados contra a ordem nova em França e fizeram-se pagar em troca de subsídios para a Inglaterra. Quando os Holandeses conceberam a sua única ideia razoável ao longo dos últimos séculos, pôr termo à administração extravagante da casa de Orange e fazer do seu país uma república, foram de novo os alemães que agiram como carrascos da liberdade. A Suíça também se dá conta do que é ser vizinha da Alemanha, e não sobrar tempo à Hungria para se recompor dos danos que a Áustria, metrópole do império germânico, lhe causou. E mais: foram enviados para a Grécia bandos de mercenários para conservarem o querido Otão no seu trono de opereta, e até para Portugal foram polícias alemães». Com esta referência a Portugal, Engels tem em vista o período de restauração do absolutismo, por D. Miguel, a partir de 1828.

⁶ *La Nouvelle Gazette Rhénane*. Éditions Sociales, I, Paris, 1963, p.p. 204, 205.

⁷ Mercenários.

Como órgão de imprensa revolucionária num Estado ainda feudal-militar a meio do século XIX, a *Nova Gazeta Renana* começou de imediato a ser alvo de perseguições: em 6 de Julho devido ao artigo *Detenções*, Engels, Marx, Korff e Dronke são interrogados por um juiz de instrução; Marx volta a ser interrogado em 22 desse mês; em 3 de Agosto, Engels é ouvido por um juiz que pretende saber quem é o autor do referido artigo; no mesmo dia é recusada a Marx a qualidade de súbdito da Prússia; em 4 de Setembro, Engels é de novo convocado pelo juiz de instrução sob a acusação de ser co-autor do dito artigo; em 13 de Setembro, a redacção da *Nova Gazeta Renana*, a União Operária de Colónia e a Associação Democrática convocam uma assembleia popular em Colónia, onde comparecem seis mil pessoas; em 22 de Setembro, Engels, Wilhelm e Burgers são alvo de um processo-crime por revolta contra a ordem estabelecida e pela sua atitude participativa nas assembleias populares de Colónia; em 26 de Setembro, é declarado o estado de sítio e a *Nova Gazeta Renana* é interdita; para escapar à prisão, Engels abandona a cidade e dirige-se para Barmen onde fica escondido, até partir para a Bélgica. Em 4 de Outubro, assinado pelo Procurador Hecker, é emitido contra Engels e Burgers um mandato de prisão. Engels é descrito deste modo:

«Nome: *Friedrich Engels*; profissão: *comerciante*; local de nascimento e domicílio: *Barmen*; religião: *reformada*⁸; idade: *27 anos*; altura: *1,72 m*; cabelo e sobrancelhas: *castanhos*; testa: *comum*; olhos: *cinzentos*; nariz e boca: *proporcionais*; dentes: *em bom estado*; barba: *escura*; queixo e rosto: *ovais*; aparência: *boa saúde*; figura: *esbelto*».⁹

Os pormenores da descrição devem-se, pode-se inferir, à forte vigilância por parte das autoridades prussianas, a que estavam sujeitos os revolucionários alemães, em particular, Marx e Engels.

Em finais de Outubro o jornal volta a ser editado. Marx escreve a Engels então no exílio na Suíça, a solicitar de novo a sua colaboração. Em meados de Janeiro, Engels volta a Colónia e retoma o seu lugar de redactor. Mas as perseguições contra o jornal continuam até ao seu encerra-

⁸ Protestante.

⁹ *La Nouvelle Gazette Rhénane*. Éditions Sociales, III, Paris, 1963, p. 486.

mento em Maio de 1849. Não é possível no âmbito de um tão curto texto descrever a importância que *A Nova Gazeta Renana*, sob direcção de Marx, desempenhou nos acontecimentos revolucionários de 1848 e 1849 na Alemanha. No entanto, vale a pena recordar os já referidos acontecimentos de 13 de Setembro, em que a redacção do jornal, a União Operária de Colónia e a Associação Democrática convocaram uma assembleia popular numa praça pública onde compareceram seis mil pessoas. As massas populares, por proposta de Engels, aprovam um comunicado dirigido à Assembleia Nacional Prussiana reclamando que os deputados «*para o caso do governo tentar dissolver a Assembleia, permanecerem nos seus lugares, mesmo que se utilize contra eles a força militar*». ¹⁰ Outro episódio demonstrativo da implantação do jornal no seio das massas dá-se em 14 de Novembro: Marx é mais uma vez interrogado por um juiz de instrução, acusado de “ofensas” ao Procurador-Geral Hecker. Uma multidão junta-se diante do palácio de justiça para apoiar Marx acompanhando-o ainda depois do interrogatório. Marx faz um discurso a agradecer o apoio das massas populares. ¹¹ Mas o jornal não conseguiu resistir à perseguição do governo contra-revolucionário. No último número, os redactores dirigem-se aos trabalhadores de Colónia do seguinte modo:

«Vimos alertar-vos definitivamente contra qualquer tentativa de levantamento em Colónia. Considerada a situação militar na cidade, vós estardes irremediavelmente perdidos. Vistes como em Elberfeld a burguesia enviou os operários para a frente da linha de fogo para depois os trair da maneira mais infame. O estado de sítio desmoralizaria toda a Renânia, e o estado de sítio seria a consequência necessária de qualquer tentativa de levantamento da vossa parte neste momento. A vossa calma exasperará os Prussianos.

Dizendo-vos adeus, os redactores da Nova Gazeta Renana agradecem-vos a simpatia que testemunhastes por ela. A sua última palavra será em todo o lado e para sempre: Emancipação da classe operária!». ¹²

¹⁰ Idem, p. 528

¹¹ Ibidem, p. 534

¹² Cf. op.cit. p. 383

Na redacção deste comunicado não deve ser estranha a colaboração de Engels sobre o qual voltara a imperar um novo mandato de captura, obrigando-o a fugir de Colónia. Engels, um autêntico «especialista» em assuntos militares, dirigiu-se a Elberfeld onde tinha eclodido um levantamento popular. Ao passar por Solingen, consegue formar um batalhão de 400 operários armados à frente dos quais entra em Elberfeld.¹³ Aqui é encarregado pela comissão militar de dirigir os trabalhos de fortificação e de supervisionar todas as barricadas da cidade, bem como a supervisão da artilharia. Mas, Engels exige o desarmamento da milícia que considerava contra-revolucionária e hostil ao povo, e que as suas armas fossem entregues aos operários. A recusa do Comité de Segurança leva-o a apropriar-se das armas guardadas na Câmara. A burguesia e a pequena-burguesia começam a reagir contra a presença de Engels, pressionando o Comité de Segurança para que Engels abandone a cidade. Os operários pedem-lhe que fique e declaram que o defenderão com a própria vida. À aproximação da tropa prussiana, Engels para não dividir as forças da resistência decide deixar Elberfeld. Aqui, como noutras cidades, a inacção e irresolução da burguesia, levaram à derrota das forças democráticas. Em fuga, Engels volta a combater no Palatinado, sob direcção de Auguste Willich, antigo oficial prussiano, agora membro da Liga dos Comunistas e que comandava um destacamento quase todo constituído por operários. A este destacamento vieram juntar-se alguns dos que estiveram ao lado de Engels na insurreição de Elberfeld. Apesar de o exército revolucionário se ter batido corajosamente, destacando-se o sangue-frio excepcional de Engels debaixo de fogo, os Prussianos saíram vencedores. A revolução sofrera uma derrota. O Estado feudal-militar prussiano prosseguia na sua senda contra-revolucionária.

*

Depois da derrota das revoluções de 1848-49, Marx exila-se em França e Engels na Suíça. Mas Marx é compelido a abandonar Paris e parte de novo para o exílio, desta vez em Inglaterra onde passará o resto da sua vida. A ele se junta Engels nos finais de 1849. Como forma

¹³ Cf. op. cit. na nota 3, p. 161.

de sobrevivência, a partir de 1850¹⁴, Engels volta a trabalhar na firma «Ermen & Engels», sediada em Manchester.

E assim os dois revolucionários que tanto tinham lutado lado a lado pela revolução política e social, fazendo por vezes perigar a própria vida, irão agora ficar separados durante quase vinte anos. Mas, apesar da distância, Engels e Marx continuam a trabalhar em conjunto e a dirigir o movimento operário. Encontravam-se várias vezes por ano, quer em Londres, quer em Manchester, para onde, por sua vez, Marx se deslocava. Este é o período em que Marx dá continuidade à sua ciclópica tarefa de estudar o capitalismo, o que lhe levou mais de 40 anos e que conclui com a publicação de «*O Capital*».

Em 16 de Agosto de 1867, Marx escreve a Engels:¹⁵

«Londres, duas horas da manhã, 16 de Agosto de 1867:

Caro Fred,

Acabei neste momento de corrigir o último granel (o 49.º) do livro. O anexo A forma-valor – impresso em caracteres pequenos – preenche um granel e um quarto.

O prefácio, idem. Remetido ontem, corrigido. Eis pois este volume terminado. Se tal foi possível, só a ti o devo! Sem a tua dedicação não me seria possível todo este enorme trabalho que ocupa três volumes. Um enorme abraço de reconhecimento!

Envio-te dois granéis com as provas definitivas. Recebi as 15 libras esterlinas. Obrigado.

Um abraço, meu querido e precioso amigo.

Teu,

Karl Marx.

P.S. Não tens de me devolver as provas antes de eu dar o livro inteiro por terminado».

Na semana seguinte, Marx escreve de novo a Engels:¹⁶

¹⁴ Cf. op. cit. na nota 3, p. 188.

¹⁵ Marx-Engels, *Correspondance*. Éditions du Progrès, Moscou, 1975, p. 187.

¹⁶ Idem, p. 188.

«Londres, 24 de Agosto:

[...] *Peço-te que transcrevas nas provas que te enviei os teus “desiderata”, críticas, questões, etc. É muito importante para mim, pois conto mais tarde ou mais cedo com uma nova edição. No que respeita ao Capítulo IV, suei sangue e água para encontrar “as próprias coisas”, isto é, o seu “encadeamento”. Depois de ter feito isto, um ou outro “Livro Azul”¹⁷ veio intrrometer-se por alturas do meu trabalho de revisão: fiquei satisfeito ao ver os meus resultados teóricos inteiramente confirmados pelos factos. Enfim, o texto foi escrito durante uma crise de furunculose e enquanto estava a ser constantemente importunado pelos credores!» [...].*

Engels teve um contributo decisivo para a fixação final desta obra monumental ao preparar a edição final dos Livros II e III, após a morte de Marx.

«*Trabalho assalariado e capital*» é uma das várias obras anteriores que prepararam a elaboração de *O Capital*; tinha sido publicada precisamente em forma de artigos na *Nova Gazeta Renana*, a partir de Abril de 1849, resultando das conferências que Marx realizara na Associação dos Operários Alemães de Bruxelas.

Portanto, durante este período de vinte anos, frutificou um trabalho colaborativo, quer teórico, quer prático, requerendo por parte dos dois revolucionários grande atenção ao movimento operário internacional. Marx e Engels como que estabeleceram uma espécie de divisão de trabalho entre si e cuja herança perdurará por séculos.

Agora, em Setembro de 1870, feito um acordo com a firma em Manchester, que o liberta dos seus afazeres laborais, Engels instala-se definitivamente em Londres numa casa perto da família Marx. Por isso, não tardou muito que por proposta deste, tenha entrado em Outubro desse ano para o Conselho Geral da Internacional que tinha sede precisamente na capital britânica.

*

¹⁷ Documentos oficiais do Parlamento e do Ministério dos Negócios Estrangeiros Britânicos.

Os anos de 1870 e 1871 são marcados por dois acontecimentos fulcrais na história europeia: a guerra entre a França e a Alemanha de que uma das consequências será a unificação alemã, e em 1871, a Comuna de Paris.

Engels, enquanto “especialista” em questões militares – Laura, uma das filhas de Marx, alcunhou-o de “General” – habitualmente pouco falador nas reuniões do Conselho, faz uma longa alocução sobre a guerra, na reunião de 31 de Janeiro de 1871. Analisando o jogo de interesses dos governos contra-revolucionários da Prússia e da Rússia face à Europa, denuncia as negociações entre Bismarck e o ministro czarista dos negócios estrangeiros: o governo prussiano iria manter-se neutro face à política russa no oriente; por seu turno, o governo russo manter-se-ia neutro face à guerra com a França. Mas a longa alocução, na qual Engels analisa o sistema militar inglês, o *«único que se poderia opor ao expansionismo alemão e russo»*, começa com uma resolução: *«O movimento da classe operária no apoio da República francesa deve concentrar os seus esforços desde logo na obtenção do reconhecimento da República por parte do governo britânico»*. Vinte e oito anos decorreram desde que o jovem Marx havia escrito na sua obra filosófica, inacabada, Contribuição para a Crítica da Filosofia do Direito¹⁸: *«Onde reside a possibilidade positiva da emancipação alemã? Resposta: na formação de uma classe de cadeias radicais, de uma classe da sociedade civil que não seja uma classe da sociedade civil-burguesa, de um estado social que seja a dissolução de todos os estados sociais, de uma esfera que possua um carácter de universalidade pela universalidade dos seus sofrimentos [...] Esta dissolução da sociedade realizada num estado social particular é o proletariado»*. Vinte e cinco anos decorreram desde que Engels publicou em 1845, aos 25 anos de idade, a sua obra *«A Situação da classe laboriosa em Inglaterra»*¹⁹, com o subtítulo sempre esquecido, nunca citado, *«Com origem em observações pessoais e fontes autênticas»*: *«Trabalhadores! Dedico-vos este trabalho no qual tentei expor perante os meus compatriotas alemães²⁰ um quadro fiel da vossa*

¹⁸ Marx, *Critique du Droit Politique Hégélien*. Éditions Sociales, Paris, 1975, p. 211.

¹⁹ Karl Marx, Friedrich Engels, *Collected Works*. Lawrence & Wishart, London, Volume 4, p. 295.

²⁰ Engels trabalhou anteriormente em Inglaterra entre 1842 e 1844.

condição, dos vossos sofrimentos, das vossas lutas, esperanças e expectativas. Vivi entre vós tempo suficiente para ficar a conhecer algo sobre as circunstâncias; devotei a elas a minha mais séria atenção, estudei variados documentos oficiais e não oficiais, tão longe quanto me levou a minha capacidade para os obter. Não satisfeito com isto, quis ir mais além do que um conhecimento abstracto me poderia dar. Quis ver-vos nas vossas próprias casas, observar-vos no vosso dia-a-dia, conversar convosco na condição das injustiças que sofreis para testemunhar a vossa luta contra o poder social e político que vos oprime».

Passados todos estes anos, agora, em 1871, perante uma guerra que ameaçava tornar-se europeia, depois de mil combates, e depois da publicação do *Manifesto*, do *Capital*, era como se, no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores, Marx e Engels confirmassem no terreno do internacionalismo proletário, a força transformadora do operariado, da luta de classes. Passados estes anos, em 1871, em ambiente de guerra, Marx e Engels, intelectuais, mas revolucionários profundamente envolvidos no movimento operário, no turbilhão de todos os acontecimentos políticos, económicos, sociais, culturais e científicos que estavam a mudar a história europeia, não perdem de vista o objectivo primordial: a luta de classes como motor da História, a emancipação da classe operária explorada, e como corolário, a emancipação da humanidade. Pouco depois de entrar para o Conselho Geral, Engels é proposto como secretário financeiro, ao que objecta considerando que «no que diga respeito a finanças só os operários devem ser nomeados». O mesmo tinha dito Marx quando o quiseram para presidente da A.I.T. Apece dizer dos comunistas de hoje, à distância de dois séculos, que na sua luta honrada e revolucionária pelo povo e pelos trabalhadores, não têm que alterar uma vírgula sequer, ao seguirem o exemplo honrado de Karl Marx e de Friedrich Engels na história da emancipação da classe trabalhadora e de todos os seus combates pela transformação social.

Na sua intervenção de 31 de Janeiro, Engels faz perante o Conselho uma demonstração da sua experiência de combatente e do seu saber sobre a arte da guerra, respondendo àqueles que preconizavam a entrada da Inglaterra na guerra franco-alemã:²¹

²¹ Le Conseil Général de la Première International, 1870-1871. *Procès-Verbaux*. Éditions du Progrès, Moscou, 1975, p. 99.

«Uma força armada inglesa, só pode agir no continente aliando-se a outros exércitos. Foi assim durante a guerra de Espanha²² e na guerra da Crimeia. À Inglaterra, é-lhe mais vantajoso fornecer material de guerra aos seus aliados. Na Crimeia tiveram de incorporar soldados franceses para engrossar as fileiras. Sempre foi impossível manter uma guerra longe do país com um grande exército. Em virtude do sistema militar – ausência de conscrição, lentidão no recrutamento voluntário, sistema de treino, demasiado tempo para formar um soldado inglês – o exército inglês baseia-se em serviço de longa duração; é impossível assegurar a um exército numeroso os reforços necessários. Se se tivesse enviado um exército para França, teria sido impossível repor as perdas. A única coisa que a Inglaterra poderia ter feito para apoiar a França era uma declaração de guerra no momento em que a Rússia denunciava o Tratado de Paris.²³ Já tínhamos tocado nesta questão nos nossos comunicados. No primeiro dissemos: “Por trás do palco desta guerra suicida, espreita a sinistra figura da Rússia. É sinal de mau augúrio que o toque de guerra actual tenha sido dado no preciso momento em que o governo russo deu por acabadas as vias férreas estratégicas e concentra já a tropa em direcção ao Prout”». No fim da sua intervenção, Engels evoca o primeiro comunicado da A.I.T., da autoria de Marx, sobre a guerra franco-alemã.

Em Março, a situação em França e portanto, internacional, continuava muito instável. Engels volta a fazer uma intervenção de fundo na reunião do dia 14 desse mês:²⁴

«[...] No que respeita à Declaração de Paris²⁵, o cidadão Marx já sublinhou que ela não foi mais do que um acordo privado. Nunca foi aprovada por nenhum estadista ou por um Parlamento, nunca ninguém disse que ela era obrigatória. Em 1862, Cornwall Lewis declarou que ela não tinha força de lei. Em 1867, o actual Lord Derby²⁶ declarou em resposta a Stuart

²² Referência à Guerra Peninsular contra Napoleão Bonaparte.

²³ O Tratado de Paris de 1856, estipulava que a Rússia não podia estacionar a sua frota naval no Mar Negro.

²⁴ Cf. nota 21, p.p. 134, 135.

²⁵ Declaração sobre os direitos marítimos internacionais.

²⁶ Futuro ministro inglês dos Negócios Estrangeiros.

Mill²⁷ que ela só era obrigatória em certa medida, mas que a defesa é prioritária em relação a todos os acordos. [...] A guerra entre a França e a Alemanha provou que as fortalezas actuais estão insuficientemente protegidas contra os bombardeamentos, e que podem ser eficazmente defendidas por fortificações apartadas; fortificações deste género vão ser construídas na Polónia. O armamento da Rússia prossegue com um zelo infatigável e está a dois dedos de passar de estar em pé de paz para estar em pé de guerra. Estão a organizar-se companhias de telegrafistas e enfermeiros. Um pedido de empréstimo russo de 12 milhões de libras foi lançado no mercado inglês, tendo sido já amplamente coberto; é provavelmente o último dinheiro inglês que a Rússia obterá. Podemos ter guerra antes do fim do Verão – a paz não parece muito assegurada».

Qual é, portanto, o ponto da situação em França nos primeiros meses de 1871?

A tropa francesa derrotada, capturado o Imperador francês, segue-se em meados de Janeiro, uma humilhação: o Império Alemão é proclamado em Versalhes. Em 22 de Janeiro, massas operárias e os guardas nacionais vão à Câmara exigir a demissão do governo: a manifestação acaba com fuzilamentos. Seguem-se medidas repressivas por parte do governo: proibição de clubes, encerramento de jornais. A capitulação começa a ser negociada. A 28 de Janeiro é assinado o armistício.

Ao lado das massas populares e do proletariado parisiense, a Guarda Nacional irá desempenhar um papel fundamental nos acontecimentos que se seguem; na verdade, a Guarda Nacional era o povo em armas que afirmava defender a nação contra o invasor, acusando de traição o governo e o exército regular. O governo, retirado em Versalhes, não consegue fazer executar as suas decisões. Durante algum tempo existe, na realidade, em França uma dualidade de poderes. O confronto aproxima-se: em 18 de Março tem início a insurreição em Paris. A Comuna é proclamada a 28 de Março.

²⁷ John Stuart Mill (1806-1873). Economista burguês. Marx faz variadas referências a ele no *Capital*. Foi-lhe enviado o primeiro comunicado da Internacional sobre a guerra, que elogiou.

A Comuna de Paris é um acontecimento muito rico e demasiado complexo não só na história contemporânea de França, como na história mundial. Prenuncia uma sociedade nova e um Estado de novo tipo. Não podemos correr o risco de o querer descrever em poucas linhas.

Na sessão de 30 de Maio do Conselho Geral, Marx apresenta o seu comunicado sobre os acontecimentos.²⁸ A análise de Marx não é apenas brilhante, mas admirável na capacidade de dar resposta concreta no momento. Segundo se depreende da Acta, Marx leu integralmente o seu «*Comunicado do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores sobre a Guerra Civil em França*», no decorrer dessa mesma sessão. Isto é, os membros do Conselho Geral da A.I.T. ouviram presencialmente, pela primeira vez, e pela boca do seu autor, uma das obras fundamentais do marxismo, não só pela profundidade da análise política que demonstra, mas também pelo desenvolvimento dos princípios doutrinários sobre o Estado, a luta de classes e a ditadura do proletariado. Eis os membros presentes nessa histórica reunião: além de Karl Marx, o operário tecelão Frederick Bradnick, o mecânico James Boon, o alfaiate alemão exilado Eccarius, Engels, o tecelão John Hales, George Harris, o relojoeiro suíço exilado Hermann Jung, Karl Kolb, o alfaiate Friedrich Lessner, o pedagogo francês Paul Robin, os socialistas ingleses William Stepney e William Townshend, e o carpinteiro John Weston. Assistiram à reunião, como convidados, o refugiado francês Lassassie, Nägeli, o operário inglês Mayo, e o marceneiro alemão Georg Lochner, defensor das ideias marxistas no seio da Internacional.

Na parte III de *A Guerra Civil em França*, Marx formula uma ideia idêntica à de 1852, quando escreveu *O 18 do Brumário de Luís Bonaparte*: «*Há uma página qualquer onde Hegel nota que os grandes acontecimentos e personagens históricos se repetem, por assim dizer, uma segunda vez. Esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. Caussidière²⁹ por Danton³⁰, Louis*

²⁸ Le Conseil Général de la Première Internationale, 1870-1871. *Procès-Verbaux*. Éditions du Progrès, Moscou, 1975, p. 177.

²⁹ Marc Caussidière (1808-1881): democrata pequeno-burguês; depois de ter participado na insurreição de Lyon foi prefeito da polícia de Paris, em 1848.

³⁰ Georges Jacques Danton (1759-1794): figura da Revolução Francesa, jacobino.

Blanc³¹ por Robespierre³², a Montanha de 1848 a 1851 pela Montanha³³ de 1793 a 1795, o sobrinho pelo tio. Constatamos a mesma caricatura nas circunstâncias do aparecimento da segunda edição do *O 18 do Brumário*».

Seguindo essa fórmula, Marx escreve em *A Guerra Civil em França*: «É em geral a sorte das formações históricas inteiramente novas serem, sem razão, tomadas como réplica de formas mais antigas, ou mesmo extintas, da vida social, com as quais podem oferecer uma certa semelhança».

Na actualidade, nenhum estudante, nenhum historiador, seja ele de esquerda ou de direita, ou nem isso, pode desejar e muito menos afirmar conhecer em toda a sua profundidade a História da Europa sem o estudo atento destas três obras fundamentais do marxismo: *As lutas de classes em França*, de 1850, *O 18 do Brumário de Luís Bonaparte*, de 1852, e *A Guerra Civil em França*, de 1871. Não é sem razão que Engels, muitos anos depois tem este desabafo: «Quando se teve a oportunidade de trabalhar durante 40 anos com um homem como Marx, não se usufrui geralmente em vida desse homem do renome que se crê ter merecido. Mas uma vez morto o grande homem, acontece muitas vezes ao mais pequeno ser sobrestimado: é, parece-me, o meu caso actualmente; a história acabará por pôr tudo no seu lugar, mas daqui até lá terei passado sem obstáculo para o outro mundo e ficarei sem nada saber».³⁴ É ainda Engels que escreve na edição comemorativa dos vinte anos da Comuna, em 1891:³⁵ «Inesperadamente fui convidado a fazer uma nova edição do Comunicado do Conselho Geral da Internacional sobre “A Guerra Civil em França” e a juntar-lhe uma introdução. Também não posso aqui mencionar senão brevemente os pontos mais essenciais. Antes deste trabalho mais considerável, dou os dois Comunicados mais curtos do Conselho Geral sobre a guerra franco-alemã.

³¹ Louis Blanc (1811-1882): socialista pequeno-burguês; foi membro do governo provisório em 1848; preconizou a reconciliação com a burguesia.

³² Maximilien Robespierre (1758-1794): figura da Revolução Francesa. Jacobino. Chefiou o Governo Provisório.

³³ Grupo de revolucionários durante o governo da Convenção (Revolução Francesa).

³⁴ *Carta de Engels a Franz Mehring, 14 de Julho de 1893* in Marx/Engels, *Correspondance*. Éditions du Progrès, Moscou, 1975, p. 477.

³⁵ Marx/Engels, *Oeuvres Choiesies*. Éditions du Progrès, Moscou, 1975, p. 256.

Em primeiro lugar porque em “A Guerra Civil” há uma referência ao segundo Comunicado, o qual não é ele próprio inteiramente inteligível sem o primeiro. Em seguida, porque estes dois Comunicados, igualmente redigidos por Marx, são, tanto quanto “A Guerra Civil”, dois exemplos eminentes do dom maravilhoso do autor, e do qual ele fez prova pela primeira vez em “O 18 do Brumário de Luís Bonaparte”, dom esse que lhe permite captar claramente o carácter, o alcance e as consequências necessárias dos grandes acontecimentos históricos no próprio momento em que esses acontecimentos prosseguem ainda sob os nossos olhos ou estão apenas a iniciar-se».

O comunicado de Marx termina do seguinte modo: *«O Paris operário, com a sua Comuna será celebrado para sempre como o glorioso precursor de uma sociedade nova. A lembrança dos seus mártires fica conservada piedosamente no grande coração da classe operária. Quanto aos seus exterminadores, a história já os pregou num pelourinho eterno, e todas as orações dos seus padres não chegarão para os resgatar».*

O filósofo Camus disse da guerra civil de Espanha: *«Foi em Espanha que os homens aprenderam que é possível ter razão e mesmo assim sofrer a derrota; que a força pode vencer o espírito, e que há momentos em que a coragem não tem recompensa. Isto é, sem dúvida, o que explica por que tantos homens no mundo consideram o drama espanhol como uma tragédia pessoal».* Do mesmo modo a Comuna de 1871. Como disse Lenine, as revoluções sobrevêm *«quando os homens já não podem e não querem mais viver como viviam».*

Mas, hoje, a doçura e a brancura da história “institucional” e “oficial” esquece ou oculta deliberadamente a profundidade e, tantas vezes, a tragédia da história humana e, muito particularmente, não se dá bem com as nódoas negras e a sujidade dos fatos dos trabalhadores, como teria dito Marx na sua juventude.

Após a leitura do comunicado, Engels propõe uma tiragem de mil exemplares, proposta votada por unanimidade.

A Comuna resistiu até fins de Maio. Em Abril, na reunião do Conselho Geral,³⁶ Engels tinha alertado: *«Enquanto o Comité Central da Guarda Nacional tinha mantido a direcção, as coisas marchavam, mas,*

³⁶ Le Conseil Général de la Première International, 1870-1871. *Procès-Verbaux*. Éditions du Progrès, Moscou, 1975, p. 149.

depois das eleições, os discursos substituíram a acção. Era quando Versalhes estava fraco que se tornava necessário atacar, mas a ocasião perdeu-se e parece que no presente Versalhes está a levar a melhor e a empurrar os Parisienses para a retaguarda. O povo não suportará por muito tempo ser conduzido à derrota. Perdem terreno, as munições estão a ser desperdiçadas e os mantimentos esgotam-se. Não serão reduzidos à submissão enquanto uma parte de Paris continuar aberta. Favre³⁷ declinou a ajuda dos Prussianos.³⁸ Em Junho de 1848 o combate terminou em quatro dias, mas aí os trabalhadores não tinham canhões. Hoje as coisas não acontecerão tão depressa. Luís Napoleão fez ruas largas para que possam ser percorridas por canhões contra os trabalhadores, mas agora a situação é favorável a estes: as suas peças percorrerão as ruas contra os adversários. Os trabalhadores – 200 mil homens – estão mais bem organizados do que em qualquer outra insurreição. A sua situação é difícil, as hipóteses não são tão boas como há uma quinzena atrás».

Nas ruas ficaram 30 mil fuzilados, foram feitas 100 mil detenções, mais de 36 mil pessoas foram “julgadas” em 26 conselhos de guerra; houve 13.440 condenações (270 à morte – 26 foram executadas – outros foram deportados, condenados a trabalhos forçados e à prisão).³⁹

Mas, a perseguição à Internacional continuava: espiões, notícias falsas, calúnias, como a de um jornal francês que assegurou que Marx tinha sido secretário de Bismarck, ou uma notícia de Março que relatava que o “grande chefe” da Internacional, ou seja Marx, vivia em Berlim e tinha escrito uma carta a um membro do Conselho Geral lamentando-se de que a Associação se dedicasse à política e não apenas à organização do trabalho, que seria a sua verdadeira finalidade! Marx respondeu por sua vez a esta calúnia escrevendo ao “Volksstaat” e ao “L’Égalité”⁴⁰: «... *O Times publica hoje a seguinte declaração do Con-*

³⁷ Jules Favre foi Ministro dos Negócios Estrangeiros. Negociou a capitulação de Paris durante a guerra. Foi um dos carrascos da Comuna.

³⁸ É uma ironia de Engels, pois tanto Engels como Marx denunciaram o pedido de ajuda do governo francês aos prussianos para esmagarem a Comuna.

³⁹ Henri Lefebvre, *La Proclamation de la Commune*. Gallimard, Paris, 1965, p. 388.

⁴⁰ Le Conseil Général de la Première Internationale, 1870-1871. *Procès-Verbaux*. Éditions du Progrès, Moscou, 1975, p. 306.

selho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores: “... O objectivo destas calúnias salta à vista. Pouco antes do início desta última guerra, a Internacional era escolhida como bode expiatório de todos os acontecimentos funestos. Ele [o jornal] recorreu de novo a esta tática. Enquanto os Suíços e as folhas prussianas a denunciam como instigadora de ultrajes perpetrados contra os Alemães em Zurique, os jornais franceses tais como o Courier de Lyon, o Courier de la Gironde, La Liberté, de Paris, etc., falam de certas reuniões secretas dos “Internacionais” em Genebra e em Berna sob presidência do embaixador da Prússia, nas quais foi delineado o plano de entregar Lyon aos Prussianos e aos Internacionais reunidos para a pilharem em comum”.

Tal é o esclarecimento apresentado pelo Conselho Geral. É da natureza das coisas que os altos dignitários das classes dirigentes da velha sociedade que só podem manter o seu poder e a exploração das massas populares produtivas através de guerras nacionais e dos antagonismos “nacionais”, reconheçam na Associação Internacional dos Trabalhadores o seu comum adversário. Para o aniquilar todos os meios são bons».

Por seu turno, Engels enviou aos editores do “Spectator” e do “Examiner” a seguinte carta:⁴¹

«Senhor,

O Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores ficaria muito agradecido se desse a conhecer ao público que os pretensos manifestos e outras publicações da Internacional, em Paris, que abundam actualmente na imprensa inglesa, são todos, sem excepção, puras fabricações da polícia de Versalhes».

A carta nunca foi publicada.

*

Terminada a guerra, derrotada a Comuna, o Conselho Geral dobra-se numa multiplicidade de tarefas, entre as quais sobressaem o

⁴¹ Idem, p. 369

acompanhamento do movimento operário cujas greves são relatadas nas sessões semanais, a coordenação dos fundos de solidariedade internacional entre os operários que enviam ajuda monetária aos grevistas, a atenção ao movimento republicano inglês, a coordenação do fundo de ajuda aos refugiados da Comuna, de cujo comitê de socorro eram membros, Marx, Engels, Hales e Jung. É interessante notar que o Conselho Geral adoptou a medida de permitir a convidados a assistência às suas reuniões: no dia 19 de Julho de 1870, altura em que começou a guerra, estiveram presentes na reunião semanal, 15 membros. Com um número de presenças relativamente baixo em cada reunião, na sessão de 30 de Maio de 1871, na qual Marx leu o comunicado sobre a guerra civil, estiveram presentes 14 membros e 4 convidados, como já foi referido. Com o número de convidados a aumentar, em 25 de Julho estão presentes 18 membros do Conselho e 24 convidados. É nesta sessão que Marx relata a visita de uma delegação suíça ao Papa Pio IX. Segundo a informação de Marx, o Papa comunicou à delegação que os «*senhores da Internacional – que não são senhores – são a encarnação do mal e a única coisa que podemos fazer é rezar por eles*». Na sua intervenção,⁴² Engels diz que «*depois do Papa é a vez do Anti-Papa*». Refere-se ao italiano Mazzini, combatente da libertação nacional de Itália e das revoluções de 1848, mas opositor à Comuna de Paris e à Internacional, difundindo acusações, calúnias e mentiras. Engels esclarece, perante os quarenta e dois presentes, entre membros e convidados, que ao contrário do que diz Mazzini, «*a forma de propriedade privada que assegura a cada um os frutos do seu próprio trabalho, a Internacional não a quer abolir, mas estabelecê-la. Hoje, os frutos do trabalho das massas passam para os bolsos de um pequeno número, e é o sistema de produção capitalista que Mazzini quer deixar intacto, enquanto a Internacional quer é destruí-lo*». Todavia, a 29 de Agosto é decidido não permitir mais a presença de convidados, pois, Marx deixa claro que chegaram informações sobre os trabalhos do Conselho à polícia francesa.

Entretanto, uma tarefa se apresentava como prioritária: dada a impossibilidade de realização do Congresso devido à instabilidade internacional, às perseguições e prisões de membros da A.I.T., Engels

⁴² Idem, p. 211

anuncia em 11 de Julho a sua intenção de propor a realização de uma Conferência a realizar em Londres, de 17 a 23 de Setembro. Esta Conferência assumiu capital importância para a A.I.T. pois reposicionou a questão ideológica quanto às tarefas históricas do movimento operário, sobretudo na luta contra o reformismo e o aventureirismo de Bakunine. Na resolução IX,⁴³ «*A acção política da classe operária*», depois de serem evocados o *Comunicado inaugural*, de 1864, e a «*Resolução do Congresso de Lausana*», de 1867, declara-se:

«Considerando além disso:

«Que contra este poder colectivo das classes possidentes, o proletariado só pode agir como classe, constituindo-se ele mesmo como partido político distinto, oposto a todos os antigos partidos formados pelas classes possidentes;

Que esta constituição do proletariado em partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e o seu fim supremo: a abolição das classes;

Que a coligação das forças operárias já obtida pelas lutas económicas deve também servir de alavanca nas mãos desta classe na sua luta contra o poder político dos seus exploradores;

A Conferência lembra aos membros da Internacional:

Que na situação militante da classe operária, o seu movimento económico e a sua acção política estão indissociavelmente unidos».

Tendo em vista esta resolução, Engels fará parte de uma comissão encarregada de a levar à prática. O Conselho Geral adoptou o relatório de Engels sobre esta questão.⁴⁴

*

Uma última palavra: convocar os fundadores do marxismo, ou seja, Marx e Engels, evocar a história do movimento operário não se traduz,

⁴³ Idem, p. 390.

⁴⁴ Idem, nota 446, p. 471.

não se pode traduzir numa atitude de contemplação nostálgica do passado, mesmo que esse passado seja exemplarmente revolucionário. Quando se estuda a teoria e a prática marxistas isso não significa, não pode significar ficar-se preso, agarrado à teoria, pois o marxismo é ele próprio teoria em movimento. Tais atitudes conduziriam inevitavelmente a um enquistamento sem soluções para os problemas da actualidade. Daí poderiam advir sérios prejuízos para a luta dos trabalhadores e do povo nos avanços pela transformação social. Como diria o próprio Marx, «*os operários não têm de recomençar o passado, mas edificar o futuro*».⁴⁵

*

Engels desempenhou ainda um papel fundamental na fundação da IIª Internacional. Esgotadas as formas de organização da Iª Internacional, cujo Conselho Geral tinha sido deslocado para Nova Iorque, a verdade é que a década de 80 do século XIX tinha visto surgir em vários países da Europa, fruto do trabalho incansável de Marx e Engels e dos seus discípulos marxistas, partidos que se reclamavam do socialismo científico. Tornava-se portanto necessário reforçar no seio da classe operária a solidariedade internacional.

Por isso, a partir de 1887, os congressos sindicais e operários, nomeadamente da Inglaterra, da Alemanha e da França começam a idealizar a convocatória de um congresso operário internacional. Engels havia insistido na data de 1889, ou seja, no centésimo aniversário da Revolução Francesa. Assim, interrompendo todas as suas actividades, desmultiplica-se em contactos, sobretudo com os socialistas revolucionários alemães e franceses para que não fosse dado um único passo em falso, para precaver os desvios reformistas, nomeadamente da corrente «possibilista» francesa, e afirmar os princípios marxistas. Todos os documentos essenciais, preparatórios do futuro congresso, lhe passaram pelas mãos.

No dia 14 de Julho de 1889, em Paris, reuniam-se os delegados de 20 países de que uma maioria se reclamava do socialismo científico. O enorme esforço de Engels e do movimento operário revolucionário tinham dado os seus frutos. Estavam assim lançadas as bases da IIª In-

⁴⁵ *Segundo Comunicado sobre a guerra franco-alemã*, in op. cit, nota anterior, p. 297.

ternacional. Engels que tanto tinha trabalhado para este congresso era já nesta década uma figura proeminente do movimento operário, com reconhecimento internacional.

Residindo em Londres, recebendo visitas de dirigentes operários de vários países europeus e dos Estados Unidos, a quem prestava particular atenção, ou correspondendo-se com eles, dirigindo realmente o movimento operário, há muito que Engels não visitava o continente. Em 1893, com o desejo de rever velhos companheiros de luta e de participar directamente nos trabalhos, decidiu deslocar-se a Zurique onde decorria o Congresso da IIª Internacional. Segundo a biografia que temos vindo a seguir, a sua entrada na sala foi saudada com «*uma tempestade de aplausos*» dos 400 delegados. Convidado para a mesa do Congresso, e a fazer o discurso de encerramento dos trabalhos, lembrou Marx e o orgulho que ele teria, se ainda fosse vivo, em abraçar ali o trabalho de uma vida inteira.

*

Não sendo a biografia de Engels o tema desta pequena brochura, não é possível descrever num pequeno parágrafo toda a riqueza de vida deste revolucionário durante os dois anos que se seguiram, até à sua morte.

Engels faleceu a 5 de Agosto de 1895. Apesar do seu pedido de que as cerimónias fossem o mais simples possível, cerca de 80 pessoas estiveram no funeral. Coroas de flores e fitas de cor vermelha exprimiam as condolências das organizações operárias da Alemanha, Áustria, França, Inglaterra, Itália, Bélgica, Holanda, Rússia, Polónia e Bulgária. A imprensa socialista e numerosos jornais burgueses deram ênfase ao seu falecimento.

O jovem social-democrata Vladimir Ilitch Ulianov compôs um artigo necrológico evocando os versos de Nekrassov:

*Que cintilante razão se extinguiu,
Que grande coração deixou de bater!*

A 27 de Agosto as suas cinzas foram lançadas ao mar em Eastbourne por Eleanor, a filha mais nova de Karl Marx.

ENGELS E A QUESTÃO DO "DETERMINISMO HISTÓRICO"

O marxismo é um corpo doutrinário e prático muito vasto e complexo. Por isso é impressionante que comentadores, jornalistas, e o que é mais, reputados académicos, tratem o tema com uma ligeireza que chega a roçar por vezes, uma total falta de seriedade.

Uma das questões que fez história ao longo de quase dois séculos é a famosa relação entre a infra-estrutura e a superestrutura. Os que acusam o marxismo de ser “determinista” consideram que a infra-estrutura, ou seja, em termos simples, a base económica é que “determina” a superestrutura.

Marx e Engels chamaram *infra-estrutura ou base* à estrutura económica da sociedade, e *superestrutura* às instituições jurídico-políticas (Estado, direito, etc.) e às «formas da consciência social que correspondem a uma infra-estrutura determinada».⁴⁶

Segundo a teoria marxista, é na infra-estrutura que se deve procurar o «fio condutor» para explicar os fenómenos sociais do domínio da superestrutura, mas esta afirmação não implica que tudo se reduza ou seja um simples reflexo do económico.⁴⁷

No dia 21 de Julho de 2019, a jornalista Teresa de Sousa escreveu no jornal *Público*:

«*A superioridade da democracia*

O determinismo histórico, que decorre do materialismo histórico de Karl Marx, parecia estar definitivamente enterrado

⁴⁶ Marta Harnecker, *Conceitos Elementares do Materialismo Histórico*, I. Editorial Presença, Lisboa, 1976, p. 133.

⁴⁷ *Idem*, p. 136.

pela própria história do pensamento universal. Não há um fio condutor que determina o devir histórico e, já agora, não são as “massas” que fazem a História, como decorre do pensamento do velho filósofo alemão que escreveu o Manifesto Comunista. A História não tem o seu caminho predeterminado. Pode ter múltiplos caminhos. Aquele que acaba por acontecer pode depender de acontecimentos menores, que parecem inicialmente insignificantes, pode depender de um homem, seja ele um político eleito ou um rei, pode depender por vezes da revolta de muita ou pouca gente contra a ordem estabelecida, da acumulação de riqueza nas mãos de uma determinada classe ou até de uma ideia. Tudo isto são verdades geralmente reconhecidas [...] Hoje, apenas temos uma certeza – ou melhor, uma convicção com um elevado grau de confirmação empírica: a superioridade não é das culturas ou das civilizações. É dos regimes políticos. Com todos os seus defeitos, como defeitos, como dizia, Churchill, a democracia liberal é superior a todos os outros. Mas está ao alcance de todos os povos. Não está garantida para nenhum».

Impressionante! Nem as fontes são respeitadas:

Engels, numa Carta a Joseph Bloch, datada de 21-22 de Setembro de 1890, escreve:⁴⁸

«... Segundo a concepção materialista da história, o factor determinante na história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx, nem eu, alguma vez dissemos isto. Se alguém distorce a nossa posição dizendo que o factor económico é o único determinante, transforma-a assim numa frase vazia, abstracta, absurda. A situação económica é a base, mas os diversos elementos da superestrutura: as formas políticas da luta de classe e os seus resultados – as Constituições uma vez estabelecidas, a batalha ganha pela classe vitoriosa, etc. – as formas jurídicas, e mesmo os reflexos de todas estas lutas reais no cérebro dos participantes, teorias políticas,

⁴⁸ Marx/Engels, *Correspondance*. Les Éditions du Progrès, Moscou, 1975, p. 433.

jurídicas, filosóficas, concepções religiosas e o seu desenvolvimento ulterior em sistemas dogmáticos, exercem igualmente a sua acção no decurso das lutas históricas e, em muitos casos, determinando de maneira preponderante, a forma. Existe uma interacção de todos estes factores no seio da qual o movimento económico acaba por fazer o seu caminho como uma necessidade, através de uma infinita multidão de contingências (isto é, de coisas e acontecimentos cuja ligação interna entre si está tão longe e tão difícil de demonstrar que nós podemos considerá-la como inexistente e negligenciá-la). Se assim não fosse, a aplicação da teoria a qualquer período histórico seria, palavra de honra, mais fácil do que a resolução de uma simples equação de primeiro grau».

E o mesmo Engels escreve numa carta a Borgius, datada de 25 de Janeiro de 1894:⁴⁹

«Os desenvolvimentos político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico, etc., repousam sobre o desenvolvimento económico. Mas, todos actuam igualmente uns sobre os outros, tanto quanto sobre a base económica. Não é assim porque a base económica é a causa, porque só ela é activa, e tudo o resto é só acção passiva. Existe, pelo contrário, acção recíproca sobre a base da necessidade económica, que domina em última instância.»

E depois de dar alguns exemplos com a Alemanha e a França, Engels prossegue: «... não há portanto, como se quer imaginar, aqui e ali, por simples comodidade, um efeito automático da situação económica...».

Após a leitura destes dois pequenos documentos do marxismo, mas enormes em conteúdo, podemos concluir, e temos direito a tal, que a supracitada e conhecida jornalista abriu naquele artigo num jornal dito “de referência”, o manual de como destruir documentos históricos num minuto ...! E ninguém lhe deu troco ...!

⁴⁹ Idem, p. 484.

Mas este é apenas um entre centenas de exemplos que ocupariam uma boa centena de páginas. A questão é de tal natureza que podemos afirmar que a uma centena de falsificadores, ontem, como hoje, Marx e Engels respondem sozinhos com uma centena de verdades históricas.

Quanto a nós, sabemos onde estes pobres espíritos pretendem chegar.

DUAS CARTAS DO JOVEM ENGELS⁵⁰

A Wilhelm Graber⁵¹

Bremen, 30 de Abril de 1839

[...] Também tu deverias começar a escrever um pouco, quer em verso quer em prosa, e de seguida enviases coisas ao “Berliner Conversationsblatt”, se é que ainda existe, ou ao “Gesellschafter”. Após o que, deves levar o assunto mais a sério escrevendo pequenas histórias que poderás publicar em revistas, obtendo assim a tua reputação e aclamação como um dotado narrador, habilidoso e gracioso. Vejo-vos agora a todos, o Heuser⁵² como um grande compositor, o Wurm⁵³ a escrever profundos estudos sobre Goethe e retratos de época, o Fritz a tornar-se um escritor de poemas religiosos, tu a escreveres atractivas historietas e ensaios críticos, e eu – tornando-me o poeta da cidade de Barmen para substituir o tenente Simons⁵⁴ de triste memória. No poema adicional que te dediquei, está também a canção, na carta para o “Musenalmanach” que não me apetece agora copiar. Além do que, irei talvez escrever outra. Hoje (30 de Abril) como estava um tempo magnífico, sentei-me no jardim, das 7 até às 8 e meia da manhã, tirei umas fumaças e estive a ler “Os Lusíadas” até ir para o escritório. Não há melhor maneira de ler do que estar no jardim numa bela manhã de Primavera, de cachimbo na boca e com os raios de sol nas costas. Hoje de tarde prossegurei com o “Old German Tristan”, e as suas doces reflexões sobre o amor. À noite vou ao “Ratskeller” onde o

⁵⁰ Karl Marx/Friedrich Engels, *Collected Works*, Volume 2/Engels: 1838-1842. Lawrence & Wishart, London, 1975, p. 442.

⁵¹ Colega de escola, de Engels.

⁵² Heuser, amigo de Engels.

⁵³ Wurm, colega de escola, de Engels.

⁵⁴ Tenente, um conhecido de Engels.

nosso caro Pastor faz o obséquo de nos servir o vinho do Reno que ele adquiriu – como direito consolidado – do novo Burgomestre. Com este tempo estupendo fico sempre com uma imensa nostalgia pelo Reno e suas vinhas, mas que posso fazer quanto a isso? No máximo, escrever um par de versos. Aposto que o W. Blank⁵⁵ te escreveu a dizer que sou o autor dos artigos no “Telegraph”⁵⁶, sendo por isso que ficaste tão zangado. A cena passa-se em Barmen e podes imaginar do que se trata. Acabei agora de receber uma carta do W. Blank na qual ele diz que o artigo causou um desvairado clamor em Elberfeld. O Dr. Runkel⁵⁷ ataca-o na “Elberfeld Zeitung”, acusando-me de ser mentiroso. Quero dar-lhe a entender que poderia apontar-me nem que fosse uma única mentira, o que não consegue fazer porque tudo o que escrevi foi baseado em factos provados que obtive de testemunhos, e a ver e a ouvir. Blank mandou-me o jornal que de imediato despachei para Gutzkow⁵⁸ com o pedido de manter o meu nome secreto. Krummacher⁵⁹ declarou recentemente num sermão que a terra está parada e é o sol que gira em torno dela; o tipo atreve-se a apregoar isto ao mundo a 21 de Abril de 1839, e a seguir diz que o pietismo não faz recuar o mundo até à Idade Média! É um escândalo. Devia ser expulso, ou um dia destes ainda vai ser Papa sem ninguém saber; possa então uma tempestade fulgurante atingi-lo mortalmente. “Dios lo sabe”, só Deus sabe o que vai ser de Wuppertal. “Adios”. Espero resposta rápida ou não há mais poemas,

Teu,

Friedrich Engels

*

*A Marie Engels*⁶⁰

[...] Graças a Deus, afinal já fiz a minha sesta. Escapei-me do escritório, levei cigarros e fósforos e abasteci-me de cerveja; depois

⁵⁵ Blank, colega de escola de Engels.

⁵⁶ *Telegraph für Deutschland*: jornal literário publicado em Frankfort e depois em Hamburgo. Engels começou a colaborar neste jornal a partir de Março de 1839.

⁵⁷ Martin Runkel: jornalista conservador, editor do jornal *Elberfeld Zeitung*.

⁵⁸ Karl Ferdinand Gutzkow: editor do *Telegraph für Deutschland*.

⁵⁹ Friedrich Wilhelm Krummacher: pregador e escritor pietista, em Wuppertal.

⁶⁰ Marie Engels (1824-1901): irmã de Engels.

fui para o sótão do armazém, deitei-me na rede e pus-me a balançar suavemente. A seguir fui ao andar do meio, peguei em duas caixas de “platillas”, pus-me a fumar e a beber cerveja ao mesmo tempo e transpirei abundantemente porque hoje está tanto calor que, apesar de ainda mal me ter passado a constipação, quero ir outra vez tomar banho ao Weser. Há dias fui tomar banho, e como tinha um tipo a remar à minha frente fiz quatro travessias de uma só vez, o que será muito difícil que alguém de Bremen possa fazer o mesmo.

Raios! Por duas razões: primeiro, está a chover; segundo, o meu jovem chefe e amigo não sai do escritório e por isso tenho de largar o cigarro outra vez. Mas vou mesmo conseguir espantá-lo. Sabes como? Vou à cozinha e grito muito alto: “Kristine, um saca-rolhas!” Abro uma garrafa de cerveja e encho um copo. Então se ele se tem em conta de ser merecedor de um mínimo de honra, sai, porque isto é o mesmo que dizer “põe-te ao largo, Don Guillermo”!

Com que então falas esplendidamente em inglês? Espera que quando chegares a casa outra vez, eu vou ensinar-te Dinamarquês ou Espanhol de modo a que possas falar comigo numa língua que os outros não percebam. “Danske Sprag fagre Sprag, y el Español es lengua muy hermosa”.⁶¹ Ou preferes Português? “O português he uma lengoa muito graçosa [sic], e os Portuguezes saõ nação muito respeitável”. [...].

Adios,

Teu,

*Friedrich*⁶²

No final de uma longuíssima carta, de 20 de Janeiro de 1839, enviada a Friedrich Graeber, outro companheiro de escola, Engels despede-se em quatro línguas: *addio, adieu, adiós, adeus*.

⁶¹ O Dinamarquês é uma língua encantadora, e o Espanhol é uma língua muito bela.

⁶² Karl Marx/Friedrich Engels, Collected Works, Volume 2/Engels: 1838-1842. Lawrence & Wishart, London, 1975, p. 503.

CRONOLOGIA⁶³

28 de Novembro de 1820

Nascimento de Friedrich Engels em Barmen, na Renânia, centro industrial têxtil situado na margem do rio Wupper.

Outubro de 1834

Engels entra para o liceu de Elberfeld, que passava por ser um dos melhores estabelecimentos de ensino da Prússia.

Setembro de 1837

O pai obriga-o a abandonar o liceu e a dedicar-se ao comércio nos seus estabelecimentos.

Julho de 1838

Engels entra ao serviço de Leupold, um grande negociante de Bremen, grande porto internacional.

Março de 1839

Engels publica *Cartas de Wuppertal* no jornal *Telegraph für Deutschland*, onde denuncia a miséria moral e social mascarada pela beleza da paisagem. Notícia a existência em Elberfeld de 1200 crianças entre 2500, em idade de escolarização a trabalhar nas fábricas.

Setembro de 1841

Engels chega a Berlim e entra na unidade de artilharia de Kupfergraben, perto da Universidade. Frequenta a Universidade como aluno externo; participa no seminário do professor Bernary sobre a História da Religião.

Outono de 1841

Engels segue os cursos de Friedrich Schelling.

Fins de 1841

Engels escreve dois livros: *Schelling e a Revelação de Schelling*, e *Schelling, filósofo em Cristo*. Enuncia uma tese importante: “*Só é verdadeira a liberdade que contém em si a necessidade*”.

⁶³ Karl Marx, *Une biographie*. Verlag Zeit im Bild, Dresde, 1968. Friedrich Engels, *Sa Vie, Son Oeuvre*. Éditions du Progrès, Moscou, 1976.

Verão de 1842

Engels, em colaboração com E. Bauer escreve um poema satírico:

Neste poema há uma passagem dedicada a Marx:

*E eis que surge o negro filho de Trier,
de alma indomável.
Não anda, corre;
Não! Resvala como uma torrente.
O seu olhar aguçado brilha com uma ousadia insolente;
do movimento tumultuoso dos seus braços
dir-se-ia que ele quer abater a abóbada celeste.*

Fim de 1842

Engels começa a colaborar na “Gazeta Renana”.

Fins de Novembro de 1842

Engels retira-se para Manchester trabalhando na firma têxtil Ermen & Engels de que o pai é sócio. Volta a passar por Colónia e encontra-se pela primeira vez com Marx. O encontro é «frio», como Engels escreverá em 1895.

Janeiro de 1843

Engels fixa-se em Manchester.

Fevereiro de 1844

Engels colabora nos *Annales* com um artigo: “*Esboço de uma crítica da economia política*” que atrai a atenção de Marx: eis um pensador que, pela crítica da economia política, chega aos mesmos resultados que ele, pela via filosófica.

Fins de Agosto de 1844

Engels chega a Paris onde permanece dez dias. O seu acordo com Marx sobre todas as questões de teoria é total.

Como expressão explícita deste acordo, Engels escreve em Paris uma contribuição para a *Sagrada família* que se torna a primeira obra comum de Marx e Engels.

Setembro de 1844

Engels inicia em Barmen a redacção de *A situação da classe laboriosa em Inglaterra*. É a primeira obra de crítica científica do capitalismo.

Início de 1845

Engels deixa Barmen para se juntar a Marx em Paris.

Abril de 1845

Engels instala-se em Bruxelas.

Meados de Julho

Marx e Engels fazem uma viagem de estudo de várias semanas a Inglaterra. Em Londres encontram-se com os dirigentes da Liga dos Justos.

Regressados a Bruxelas redigem *A Ideologia Alemã* que não encontra um editor na Alemanha. Esta obra só será editada em 1932 na U.R.S.S.

Fevereiro de 1846

Constituição do Comité de Correspondência Comunista.

Novembro de 1846

Os dirigentes londrinos da Liga dos Justos declaram que a tarefa mais importante é convocar um Congresso e elaborar um novo programa; solicitam a ajuda de Marx e Engels.

Meados de 1847

Crise económica na Inglaterra.

Marx prepara a fundação de um partido operário revolucionário. Impulsiona a organização do primeiro congresso da Liga dos Justos previsto para o Verão de 1847.

Marx e Engels propõem à Liga o nome de Liga dos Comunistas e a substituição da antiga divisa: “*Todos os homens são irmãos!*”, por “*Proletários de todos os países, uni-vos!*”.

Junho de 1847

Primeiro Congresso da Liga dos Justos, em Londres. Marx não pode participar por falta de meios.

Engels participa como delegado de Paris.

No Congresso são adoptados a divisa e o nome propostos por Marx e Engels.

Finais de Agosto de 1847

Marx e Engels fundam a Associação Operária Alemã de Bruxelas que em breve terá cem aderentes.

27 de Novembro de 1847

Engels regressa de Paris, trazendo o seu texto, *Princípios do Comunismo*; encontra-se com Marx em Ostende.

Daqui partem para Londres.

29 de Novembro de 1847

Primeira reunião do Congresso Internacional do proletariado revolucionário. Presentes, representantes da Alemanha, França, Inglaterra, Suíça, Bélgica e outros países.

O ponto principal é a elaboração do programa do Partido.

A Liga conta com 500 membros.

Meados de Dezembro de 1847

Marx volta a Bruxelas e Engels a Paris.

31 de Janeiro de 1848

Engels é expulso de Paris e parte para Bruxelas.

22 de Fevereiro de 1848

Início da revolução em França.

Últimos dias de Fevereiro de 1848

É publicado o Manifesto do Partido Comunista.

21 de Março de 1848

Chegada de Engels a Paris.

Finais de Março de 1848

Marx e Engels começam a elaborar o programa *Reivindicações do Partido Comunista na Alemanha*.

19 de Maio de 1849

Último número da “*Nova Gazeta Renana*”, inteiramente impresso a vermelho.

Marx e Engels vão a Frankfort tentando que os deputados da pequena-burguesia radical chamem os revoltosos de Bade e Palatinado para protegerem a Assembleia Nacional, mas em vão.

Início de Julho de 1849

O exército revolucionário recua até à fronteira suíça.

10 de Novembro de 1849

Engels chega a Londres vindo por mar numa viagem de 5 semanas, e está sem recursos financeiros.

Novembro de 1850

Engels emprega-se em Manchester na casa «Ermen & Engels».

Outono de 1851

Engels e Marx viverão 20 anos em cidades diferentes, mas trabalhando sempre em conjunto.

10 de Março de 1853

Marx e Engels defendem incessantemente a tese de que é dever imediato dos comunistas na Alemanha fundar um partido operário.

Meados de 1861

Marx começa a redigir “*O Capital*”.

28 de Setembro de 1864

É fundada a Associação Internacional dos Trabalhadores, em Londres.

Fins de Janeiro de 1865

Marx incita Engels a redigir um artigo sobre a posição dos trabalhadores alemães face a Bismarck.

9 ou 10 de Fevereiro de 1865

Marx recebe o artigo; faz-lhe algumas modificações e acrescentos. A brochura surge em Hamburgo com o título: *A questão militar prussiana e o partido operário alemão*.

Setembro de 1866

1.º Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, em Genebra.

14 de Setembro de 1867

O Livro I de “*O Capital*” aparece em Hamburgo com uma tiragem de 1000 exemplares.

11 de Outubro de 1870

Primeira reunião de Engels como membro do Conselho Geral da Internacional.

1 de Setembro de 1872

Marx chega a Haia para o Congresso (numa sala do bairro operário de Haia).

Vem acompanhado por Engels, pela sua mulher e pela filha Eleanor.

1872-1873

Publicação da obra de Engels, *A questão da habitação*.

1877

Engels redige uma curta biografia de Marx.

Engels publica a obra *Anti-Duhring*.

Setembro de 1879

Engels e Marx numa carta circular aos dirigentes da social-democracia alemã, pedem que o futuro órgão central defenda sem equívoco os objetivos da classe proletária.

Março-Maio de 1880

Publicação de “ *Socialismo utópico, socialismo científico*”.

1883

Engels conclui *A Dialéctica da Natureza*.

14 de Março de 1883

Morte de Karl Marx: quando Engels chega a casa de Marx, por volta das duas e meia da tarde, é recebido por Lenchen que lhe diz que Marx está a dormir. «*Quando entramos, ele dormia mas para não mais se levantar. Tinha expirado calmamente e sem dor*».

1884

Publicação de *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.

Junho de 1885

É editado o Livro II de “*O Capital*”, preparado por Engels.

1887-1888

Redacção de *O papel da violência na História*.

Verão de 1888

Engels faz uma viagem de carácter privado aos Estados Unidos onde permanece pouco mais de um mês. Encontra-se com o emigrado alemão Sorge que lhe transmite informações sobre o estado do movimento operário americano..

Novembro de 1894

É editado o Livro III de “*O Capital*”, preparado por Engels.

1894-1895

É publicada a obra *A questão camponesa em França e na Alemanha*.

5 de Agosto de 1895

Morte de Engels.

Í N D I C E

Engels no Conselho Geral da Internacional	5
Engels e a questão do "determinismo histórico"	29
Duas cartas do jovem Engels	33
Cronologia	37

